

HEERS (J.). — **Gênes au XV siècle.** Paris. S. E. V. P. E. N. *École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques.* VI^e Section. Collection "Affaires et Gens d'Affaires".

O estudo da economia genovesa no século XV permite fazer remontar a essa data, nesse meio de negócios tão particular, o advento do grande capitalismo. As técnicas do comércio e do banco anunciavam as da época moderna: moeda de papel, moedas de bancos, giro de letras, câmbio e endosso, seguros, sociedade por ações, e bolsa de valores mobiliários.

Mas Gênova, cidade marítima, estreitamente confinada nas suas montanhas, mostra ainda estruturas sociais anacrônicas; conhece o drama das transformações demasiadamente rápidas e difíceis. Em lugar algum aliás, numa Itália sempre cheia de contrastes, não se afrontam tão nitidamente, tão próximas, o mundo feudal com seus senhores instáveis e o dos grandes burgueses, mercadores ou banqueiros: interesses, mentalidades, estilo de vida, formam oposição, às vezes violenta, que marca toda a vida social duma cidade que está longe de ser ajuizada.

Trata-se, pois, de livro extremamente interessante para quem se inicia no estudo do capitalismo.

E. S. P.

*

COORNAERT (Émile). — **Les Français et le commerce international a Anvers. Fin du XV^e-XVI^e siècles.** Paris. Librairie Marcel Rivière. 2 vols., in 8.^o, com ilustrações fora do texto, numerosas gravuras e mapas. 446 + 354 páginas.

Apesar de numerosas pesquisas e coletas de dados muitas vezes extremamente precisos, a história do comércio do século XVI ainda permanece cheia de lacunas e de simplificações mais ou menos incertas. Essas imprecisões perturbam muitas vezes a nossa visão sobre o papel desempenhado por diversos países europeus no desenvolvimento da economia e de suas técnicas.

A presente obra do Prof. Émile Coornaert procura resolver êsses inconvenientes e se fundamenta, para isso, em vasta documentação encontrada em Antuérpia.

Após breve apresentação da dupla, franceses e Antuérpia, no conjunto europeu da época, reuniu o Autor num vasto estudo os principais traços das condições gerais, intelectuais, morais e econômicas das trocas comerciais, destacando a ação das cidades e dos Estados (administração, política e guerras).

O Prof. Émile Coornaert procurou num breve relato mostrar o aspecto real do "século de ouro" de Antuérpia e sua implicação sobre toda a Europa dessa época.

Numa segunda parte estudou o Autor os franceses, cuja zona de influência se fazia sentir muito além dos limites do reino da França. Em Antuérpia, sua situação diferia daquela dos outros estrangeiros, na sua maioria organizados "em nações". Essa divisão por povos é

ilustrada por abundantes listas de mercadores recenseados em Antuérpia: mais de 520 parisienses, 450 mercadores de Ruão, 420 de Lille, 260 de Toulouse, 40 albigenses, etc. Estas listas revelam uma grande variedade de aptidões e atividades mercantis.

A terceira parte da obra é consagrada aos homens, às mercadorias e às técnicas. Aos mercadores e seus auxiliares se impunha então a necessidade da sua presença nas transações, pela incessante mudança de local de venda das mercadorias que procuravam as feiras. Nos circuitos percorridos pelas mercadorias aparece de maneira sensível a divisão da economia em diversos setores. As técnicas também estavam em plena transformação e se apresentavam de modo desigual de um país para o outro: a Idade Média só cedia o terreno ocupado palmo a palmo, mas a sociedade moderna foi tudo avassalando paulatinamente.

Dêsse trabalho emerge um esboço sumário dos lugares ocupados pelos grandes autores da economia em formação. Em linhas gerais, verifica-se que em face da Itália que já começa a retirar-se da cena, a Inglaterra prepara-se para assumir o primeiro lugar e Amsterdão inicia então um grande desenvolvimento em detrimento de Antuérpia. O livro do Prof. Coornaert mostra precisamente o eminente papel desempenhado por Antuérpia e a atuação dos franceses nesse sentido.

O sumário da obra do Prof. Émile Coornaert é o seguinte:

TOMO PRIMEIRO:

Introdução: A Europa ao findar a Idade Média. As grandes zonas e as capitais do comércio.

Livro Primeiro: Antuérpia e a França no fim do XV e XVI séculos. As condições das trocas comerciais da França com o estrangeiro, especialmente com Antuérpia.

Antuérpia e os outros portos dos estuários. O "século de ouro" antuérpiano.

Livro Segundo: Os franceses e Antuérpia. Estudos das diferentes regiões da França.

Os antuérpianos na França.

Conclusões: Economias regionais e economia nacional. Técnicas e progresso do comércio com Antuérpia.

Lista dos mercadores franceses.

TOMO SEGUNDO:

Livro Primeiro. Terceira parte: Os mercadores, sua condição, seus auxiliares.

As mercadorias, as correntes comerciais, o comércio do dinheiro, a circulação das mercadorias.

A compra e venda. Instalações materiais. Mercados e feiras. Bólsa de Antuérpia. As modas de venda. O crédito. A contabilidade. As contestações e as jurisdições.

As comunicações e transportes.

CONCLUSÕES:

Índice de nomes de pessoas e de lugares.

Índice analítico — Peças justificativas.

Fontes e bibliografia. Mapas e gráficos.

Ilustrações fora do texto. Gravuras.

Recomendamos vivamente a obra do nosso mestre Émile Coornaert que é essencial para quem queira estudar o desabrochar do capitalismo moderno.

E. SIMÕES DE PAULA.

*

GILLE (Bertrand). — **Le Conseil Général des Manufactures.** Paris. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques. Collection "Affaires et Gens d'Affaires".

A representação dos interesses econômicos pelos conselhos governamentais é coisa bem antiga. Henrique IV já tinha pensado nisso. Durante todo o XVIII século o Conselho do Comércio desempenhou essa função dentro do quadro do Conselho do Rei. Napoleão, desde 1802, retomou a idéia e criou o Conselho Geral do Comércio, para onde as Câmaras de Comércio, igualmente renascentes, enviavam seus delegados. Tendo o Bloqueio Continental provocado certa hostilidade da parte desse Conselho, o Imperador quis contrabalançar a sua influência organizando o Conselho Geral das Manufaturas, composto principalmente de grandes industriais. A Restauração, temendo o liberalismo do mundo de negócios, terminou a triologia criando o Conselho Geral da Agricultura. O sistema censitário favorecia a representação dos interesses econômicos na Câmara e tornava menos ativos esses três Conselhos. O abaixamento do censo, uma política aduaneira mais liberal lhes deu uma certa importância. Mas, por temor de oposição, a Monarquia de Julho espaçou as sessões dos três Conselhos agora reunidos num só. Eles sobreviveram, entretanto, sob formas diversas, até o atual Conselho Econômico, do qual são eles os ancestrais diretos.

Formado unicamente de representantes da grande indústria, o Conselho das Manufaturas teve sessões regulares de 1810 a 1829, numa época em que a grande empresa capitalista fazia sua aparição. O inventário analítico das atas dessas sessões facilitará o estudo duma instituição interessante, mas bastante esquecida. A simples leitura dessas análises fornece múltiplas indicações sobre os problemas levantados pela grande indústria nascente: organização industrial, questão obreira, problemas técnicos, aspectos financeiros, expansão exterior. Verificamos o aparecimento aí dum protecionismo feroz, que se julgava indispensável no início do crescimento industrial. Essencial em todos os arquivos, esta obra é um indispensável instrumento de trabalho que interessará os economistas, os historiadores, os sociólogos e todos aqueles que se ocupam da ciência política.

E. S. P.

*

TURIN (Yvonne). — **Miguel de Unamuno, universitaire.** Paris. S. E. V. P. E. N. Collection Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études. VI^e Section. 1962. VII + 145 pp.